

## CONHECER PARA RECONHECER: ENTREVISTA COM ROSANA DOS SANTOS AUGUSTO

### KNOWING TO RECOGNIZE: INTERVIEW WITH ROSANA DOS SANTOS AUGUSTO

Silvana Vilodre Goellner<sup>1</sup>

**RESUMO:** Entrevista com a jogadora de futebol Rosana dos Santos Augusto com foco em sua trajetória esportiva. A atleta ocupa uma posição importante no cenário nacional e internacional do futebol. A entrevista está fundamentada teórica e metodologicamente na História Oral e apresenta aspectos relacionados história das mulheres no futebol brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Memória; Gênero; História Oral.

**ABSTRACT:** Interview with soccer player Rosana dos Santos Augusto focusing on her sporting trajectory. The athlete occupies an important position in the national and international scenario of the soccer. The interview is based theoretically and methodologically on Oral History and presents aspects related to the history of women in Brazilian soccer.

**KEYWORDS:** Soccer; Memory; Gender; Oral History

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Ciências do Desporto (Universidade de Porto, 2012) Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: [vilodre@gmail.com](mailto:vilodre@gmail.com)

Uma das grandes dificuldades para que se promova uma análise mais aprofundada sobre o futebol praticado por mulheres no Brasil reside na falta de fontes históricas. Exemplar dessa afirmação é a constante referência a um jogo realizado no ano de 1921, na cidade de São Paulo, como sendo o marco inaugural da presença em campo de mulheres futebolistas. Indubitavelmente, outras aparições já haviam ocorrido no país. Entretanto, a ausência de registros remete essas experiências às zonas de sombras, visto que as informações encontradas sobre o futebol brasileiro são majoritariamente sobre o futebol praticado pelos homens.

Se considerarmos que toda a narrativa, inclusive a biográfica, demarca opções teóricas, epistemológicas e políticas, visibilizar a presença das mulheres se faz necessário, dada a desigualdade de gênero presente na modalidade. Nesse sentido, a História Oral torna-se uma ferramenta potente, visto que “[...] permite ouvir histórias de indivíduos e de grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas” (PATHAI, 2010, p. 124).

A presente entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2017 no Shopping Center Norte, em São Paulo, e teve como foco a trajetória esportiva da atleta Rosana dos Santos Augusto; integra o projeto *Garimpendo memórias: educação física, esporte, lazer e dança*, desenvolvido pela equipe do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que soma mais de 100 entrevistas realizadas com mulheres envolvidas com o futebol (atletas, treinadoras, gestoras); e foi produzida visando tanto a produção de registro quanto o reconhecimento da importância da história de uma mulher, cujas conquistas, apesar de extremamente significativas para o esporte nacional, ainda são pouco conhecidas.

Publicar esta entrevista é um ato político revestido de explícita intencionalidade: visibilizar e empoderar as mulheres que atuam no esporte representado como “a paixão nacional”. Dessa forma, apresentar alguns fragmentos biográficos de Rosana significa evidenciar que o futebol também é delas.

## *ENTREVISTA*

S.G. – Boa tarde Rosana! Inicialmente, eu gostaria de agradecer a tua gentileza e disponibilidade por conceder essa entrevista. Estou muito feliz por ter a oportunidade de fazê-la e, enfim, te conhecer pessoalmente. Eu gostaria que você iniciasse contando como foi a tua inserção no futebol. Esse foi o primeiro esporte que você praticou?

R.A. – Costumo dizer que eu não escolhi o futebol, e sim o futebol que me escolheu. Eu comecei a jogar na rua com os meninos e, paralelamente, já praticava outros esportes. Mas acho que o que eu tinha dom mesmo era o futebol, porque na rua eu era a primeira a ser escolhida, mesmo jogando só com os meninos. Era uma coisa que eu me sentia muito bem fazendo. Eu tinha uma bola de futebol escondida do meu pai, porque ele não gostava que eu jogasse. Ou seja, eu era dona da bola e tinha que jogar. Resumindo, foi isso. Eu pratiquei esporte a minha vida inteira, vários esportes, mas o futebol acabou me escolhendo.

S.G. – E a tua mãe apoiava? A gente tem visto que geralmente as mães são aquelas que mais apoiam a carreira das filhas que decidem jogar futebol.

R.A. – Minha mãe e meu irmão foram os meus maiores incentivadores.

S.G. – Teu irmão jogava também?

**Silvana Vilodre Goellner**

R.A. – Não. Mas sempre gostou muito de esporte. Ele brincava com os amigos dele dizendo que o dom veio todo para mim e para ele não foi nada. Foi um cara que sempre me ajudou. Às vezes, trabalhava extra para folgar um dia e, assim, poder me levar nos jogos, nos treinos. A minha mãe também a mesma coisa: sempre, sempre me incentivou. Brigava com o meu pai dizendo que eu ia fazer aquilo que eu almejasse fazer e que eu fazia aquilo bem. No começo foi muito difícil a aceitação do meu pai. Meu pai tinha aquele preconceito que a maioria dos homens têm. Que o futebol é para homem! Então, eu tive que ir quebrando esse preconceito. Primeiro a barreira em casa e depois de outras pessoas, para que eu pudesse me tornar uma jogadora de futebol.

S.G. – E fora os jogos na rua, você lembra o primeiro time que você participou e que idade você tinha?

R.A. – Lembro. Na verdade, eu comecei a jogar futsal no colégio. Eu tinha uns onze anos, mais ou menos. Foi uma trajetória muito rápida. Eu joguei no colégio, onde a gente disputava o Campeonato da Associação Paulista de Futebol de Salão. Nesse campeonato, o time de futsal do Kleiton Lima, que era o Spy Soccer Clube de Itanhaém (SP), jogou contra a gente. Ele me viu e perguntou se não queria jogar com eles. Daí eu comecei a descer para Itanhaém nas minhas férias para treinar e jogava aqui em São Paulo nos finais de semana. Nesse campeonato, joguei contra a equipe do São Paulo, gostaram do meu futebol e pediram que eu fizesse um teste no futsal. Eu fiz e passei. Mas, era muito longe da minha casa e a minha mãe não queria que eu fosse sozinha porque eu tinha uns treze anos, mais ou menos. Depois de um tempo, me contataram de novo. Dessa vez, me perguntando se eu não teria interesse em fazer um teste no futebol de campo, que era mais acessível para mim, e aí eu fui. Não tinha ideia de como que era jogar no campo. Não sabia a posição que eu jogava. Eu cheguei no teste falando que eu queria jogar do meio para frente, e a treinadora falou...

Silvana Vilodre Goellner

S.G. – Era uma treinadora? Uma mulher?

R.A. – Sim. Era a Teresa Diniz. Daí eu fui e falei: “Eu acho que sou atacante”. Ela me colocou de atacante e fiz três gols. No outro treino, joguei no centro do campo, e fui bem novamente. E ela: “Acho que você é meia”. E assim foi. Eu fiquei jogando mais de meio campo. Só que um dia fomos jogar contra o São Paulo profissional. Era o time amador contra o profissional. Aspirantes, como eles chamavam na época. Faltou lateral esquerda e não tinha nenhuma canhota no time. Daí a Teresa falou: “É você!” Eu falei: “Não, eu não! *Eu não quero jogar atrás!*”. Só que era contra o time profissional e eu queria jogar, né? E aí eu fui e o Seu Zé Duarte gostou do meu desempenho. Então, essa transição foi muito rápida.

S.G. – Sim, você praticamente já migrou para o futebol profissional mesmo que com pouca idade.

R.A. – Sim, com quatorze anos eu já atuava no profissional, e então eu comecei a treinar com as meninas. E com quinze anos já fui inscrita no Campeonato Brasileiro. Aí foi tudo muito rápido na minha vida. Com dezessete eu já estava na seleção brasileira...

S.G. – E como foi a experiência de ser bastante jovem e já atuar na seleção? Em que ano isso aconteceu e que peso teve na tua formação?

R.A. – Isso foi 2000, e eu já entrei na seleção principal porque naquela época não tinha categorias de base. O treinador era o Seu Zé e o auxiliar era o Wilsinho (Wilson de Oliveira Riça). A minha primeira convocação foi até engraçada, porque o Wilsinho que estava dirigindo a seleção e eu ouvi boatos de que seria convocada. Só que ele

**Silvana Vilodre Goellner**

não fez a convocação. Ele mencionou alguns nomes em uma entrevista na TV e aí quando ele deu os nomes, falou: “Provavelmente, essas irão ser convocadas”. O meu irmão ouviu, e como tinha fogos de artifício em casa, ele começou a soltar os fogos. Então, a minha primeira convocação foi muito marcante porque eu estava em casa assistindo TV, porque o Wilsinho disse que ia estar no Mesa Redonda... E o meu irmão, que já imaginava a convocação por ter ouvido os comentários, já tinha comprado os fogos para a comemoração.

S.G. – Rosana, você lembra de ver algum jogo de mulheres na televisão nessa época? Você tinha alguma referência, alguma jogadora que te inspirava?

R.A. – Não lembro de nenhuma atleta porque não aparecia quase nada na TV. Mas, lembro que em 1996 eu assisti as Olimpíadas e foi aí que eu falei: “Acho que eu consigo jogar”.

S.G. – Então, você assistiu a primeira participação do futebol feminino nos Jogos Olímpicos, que foi exatamente em Atlanta no ano de 1996. A estreia das mulheres com a presença do Brasil, inclusive.

R.A. – Sim, e falei: “Um dia ainda vou disputar uma Olimpíada”. Mas, eu pensei que ia como goleira. Eu não tinha talento não, mas eu gostava de pular nas bolas. Eu já tinha uma explosão muito grande desde pequena. Tinha essa predisposição genética de força, de salto, por ter feito ginástica olímpica também, então, eu achava que ia ser goleira. Foi aí que começou. Mas, eu não tinha uma referência específica porque não se ouvia muito o nome das jogadoras ainda. Quando eu entrei para o São Paulo, eu já conhecia jogadoras como a Sissi, a Roseli, a Formiga, a Pretinha, e eu tinha uma grande admiração por elas. Eu não consigo te falar de uma só porque era um conjunto

**Silvana Vilodre Goellner**

tão bom. Eram meninas tão talentosas que era difícil escolher uma só. Uma tinha alguma coisa diferente da outra, mas aquele time acabava se complementando.

S.G. – Você era muito jovem quando começou a participar de campeonatos importantes. Nos Jogos Olímpicos de Sydney, que aconteceram em 2000, quantos anos tu tinhas?

R.A. – Eu tinha dezessete para dezoito anos.

S.G. – Como foi participar dos Jogos Olímpicos? Afinal, você realizou o desejo de ser jogadora e estar nessa competição.

R.A. – Primeiro eu disputei a Copa Ouro<sup>2</sup>. A minha primeira convocação foi para a Copa Ouro, uma competição que reunia grandes seleções, inclusive os Estados Unidos. E eu fui de titular, com dezessete anos. Nem no meu melhor sonho eu imaginava que seria titular num torneio tão importante como esse.

S.G. – Os Jogos Olímpicos aconteceram logo depois. Você sabia que seria convocada?

R.A. – Queria muito. Eu achava que tinha ido bem na Copa Ouro e pensei: “Tenho chance”. Era um sonho que eu tinha. Eu me lembro que não tinha saído a convocação, mas eu passei pelo vestiário e vi o roupeiro arrumando as malas. Ele tinha as

---

<sup>2</sup> A Copa de Ouro de Futebol Feminino foi realizada nos Estados Unidos entre os dias 23 de junho e 3 de julho de 2000. Foi a primeira edição da competição e reuniu oito equipes: Estados Unidos, Brasil, Costa Rica, Trinidad e Tobago, China, Canadá, México e Guatemala. Os Estados Unidos venceram, e o Brasil conquistou o vice-campeonato.

**Silvana Vilodre Goellner**

camisetas com os nomes das jogadoras. Eu passei no corredor e fiquei olhando. E então vi o meu nome e pensei: “Nossa! Eu acho que eu vou”. Eu fiquei naquela agonia uns dois, três dias. Quando a lista saiu, eu fiquei muito feliz, muito! Hoje vejo que na minha primeira Olimpíada eu ainda não estava tão madura, mas era um sonho estar ali. Joguei de titular no começo, depois acabei me machucando. Fiquei alguns jogos de fora. Entrei na disputa de terceiro e quarto lugar. Eu sonhei acordada sendo titular em uma Olimpíada com dezessete, dezoito anos.

S.G. – E nas edições posteriores? Você participou nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e de Pequim em 2008. Como foi a experiência?

R.A. – Nós ganhamos a medalha de prata em 2004 e em 2008. Em 2004, foi importante porque o treinador, René Simões, mudou alguns conceitos do futebol feminino. Acho que foi a medalha de ouro que a gente mais mereceu... Inclusive teve um pênalti na final que não foi dado ali na prorrogação. Foi um momento que eu aprendi muito, muito mesmo, sobre o entendimento do futebol. Antes eu só jogava. Em 2004, eu passei a entender alguns conceitos do futebol. O René era um mentor, um cara extraordinário, muito inteligente.

S.G. – Essa foi uma geração com muito talento. Com a pouca estrutura que a gente tinha no Brasil, quando comparado com as grandes potências que disputavam os Jogos Olímpicos, vocês foram vitoriosas. Nesse período, ainda teve os Jogos Pan-Americanos de 2003, competição que conquistamos a medalha de ouro. Você estava jogando no Sport Clube Internacional nesse período. Qual foi a repercussão deste título no clube?



**Silvana Vilodre Goellner**

R.A. – Lembro que do Inter foi só eu e a Karina Balestra da Luz. Quando voltamos, as meninas estavam com uma faixa aguardando a gente. Foi muito legal porque o Inter foi representado na competição com duas jogadoras que conquistaram o título.

S.G. – Antes disso, você jogava em São Paulo. Você disputou o Campeonato Paulista de 2001. Como se deu teu deslocamento para Porto Alegre, para jogar no Inter?

R.A. – Em 2001, eu disputei a Paulistana pelo Corinthians. Teve algumas peneiras e eles “draftaram” umas meninas para deixar os times mais equilibrados. Foi um campeonato legal, foi televisionado. Mas, eu não guardo só bons momentos, pela forma que eles fizeram. Meninas com cabelo mais curto, por exemplo, não eram bem quistas no campeonato... Foi um campeonato interessante porque apareceu na televisão, mas ao mesmo tempo foi muito preconceituoso, com preocupações sobre a aparência das jogadoras. Isso foi um coisa ruim que me marcou.

S.G. – Então, você participa da Paulistana em 2001 e em 2002 vai para o Rio Grande do Sul. Como é que foi o contato para chegar no Inter?

R.A. – Na verdade, em 2001, teve uma convocação para ir para jogar na Coreia e algumas meninas do Inter foram convocadas. Eu fiquei amiga de uma delas, a Liése Ribeiro. Teve a Paulistana e ela saiu do Inter para vir para São Paulo participar da competição. Depois de um tempo, o Campeonato Paulista não ficou tão competitivo e ela me perguntou se eu gostaria de ir para o Inter. Eu falei que havia uma possibilidade porque o campeonato aqui não estava tão bom. E para mim foi bem interessante também por vivenciar uma outra cultura, mesmo que fosse dentro do país. A cultura do Sul é muito diferente daqui e foi uma experiência muito legal ter ido para lá. Tudo que a gente disputou naquele período a gente ganhou. Teve, inclusive, um Grenal histórico que eu nunca esqueço. Foi decisão de campeonato e o primeiro jogo foi na

Silvana Vilodre Goellner

casa do Grêmio, e ganhamos de 2 a 0. Acho que o time se sentiu bem confortável quando foi jogar no Beira-Rio. Precisávamos apenas de um empate, mas começamos o jogo muito mal e aí o Grêmio fez 3 gols. Eu lembro de uma situação que, quando a gente tomou o terceiro gol, eu peguei a bola, botei debaixo do braço e comecei a mexer com as meninas, porque a maioria era colorada. Comecei a mexer na camisa e falar: “Vocês dizem que vocês amam essa camisa aqui, mas vocês não fazem nada por ela”. Acho que toquei no ponto fraco delas. Eu coloquei a bola no meio, a gente saiu, faltavam vinte minutos para acabar o jogo. Eu lembro que eu estava correndo para todos os lados e daí, num carrinho, eu consegui roubar a bola da Tânia Maranhão e fiz um gol de carrinho. *Eu nunca faço gol de carrinho!* Foi um gol de raça mesmo. Daí o time começou a vibrar bastante. Daí depois a Karina fez o segundo gol. E o gol de empate foi da Duda, eu fiz uma jogada bem bonita pela lateral. Eu vi a Duda entrando, cruzei e ela fez o gol, 3 a 3. E a Maria fez o quarto. Tudo em vinte minutos.

S.G. – Você lembra de detalhes desse jogo!

R.A. – Sim. Porque esse jogo foi o mais marcante da minha vida. Falo isso em referência a um jogo que disputei por um clube. Foi o mais marcante da minha carreira, mesmo tendo passado por vários clubes. Eu acho que nunca participei de outro jogo que teve uma virada histórica em vinte minutos. Com quatro gols ainda. Foi sensacional!

S.G. – Você ficou com o Inter até fechar o Departamento Feminino?

R.A. – Sim, eu fiquei até 2003. Em 2004, teve uma convocação para a seleção sob o comando do René. Foi uma seleção semipermanente. Na verdade, eu já tinha recebido um convite em 2003 para jogar na Áustria e já tinha aceitado. Então, eu

**Silvana Vilodre Goellner**

deixei o Inter para servir a seleção. E de lá, após a Olimpíada, eu fui para time austríaco, o SV Neulengbach.

S.G. – Quanto tempo você jogou na Áustria?

R.A. – Quatro temporadas. Só que o campeonato lá era curto, então, eu jogava praticamente sete meses e o restante eu ficava aqui no Brasil. E no meio disso, tiveram os Jogos Olímpicos de 2004, os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, a Copa do Mundo, em 2007, e os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. E nós ganhamos a medalha de prata em Atenas, a medalha de ouro no Rio e a medalha de prata na Copa do Mundo, em 2007, e nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Foi sensacional!

S.G. – Fala um pouco sobre a partida final dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro. Estádio cheio e vocês venceram uma potência: a seleção dos Estados Unidos.

R.A. – Eu acho que a gente teve uma preparação muito boa. Estou falando no âmbito físico mesmo, na evolução que a gente teve de 2003 para 2007, quando o Jairo Porto foi o preparador físico. Acho que foi o melhor momento da Seleção Brasileira, no âmbito físico. Foi aí que começou a se consolidar como uma potência no futebol feminino. O Pan foi uma fase preparatória para o Campeonato Mundial realizado na China, em 2007. Nosso time estava voando. Eu brinco com o Jairo que eu nunca me senti tão bem. O juiz apitou e eu pensei: “Como assim, já acabou?”. O time estava muito bem, muito forte, muito disposto também. Era um time talentoso e jogando em casa. Aos poucos os jogos foram enchendo. No primeiro, não tinha muito público; no segundo, já foi mais. Para mim, tão marcante quanto a final foi a semifinal, porque eu fiz os dois gols contra o México. Ganhamos de 2 a 0. Foi um momento emocionante,

Silvana Vilodre Goellner

mágico. E eu saí um pouco de mim quando começaram a gritar o meu nome. Eu arrepiava e eu não sabia o que estava acontecendo. Eu até desconcentrei um pouco do jogo porque aquilo jamais tinha acontecido. Ainda mais dentro da nossa casa. As pessoas tinham começado a gritar meu nome. A minha família tinha ido para o Rio para ver o jogo, e eu fiz aqueles dois gols jogando de ala. Para mim, foi marcante. Foi uma das melhores sensações que eu já tive jogando. E daí na final, óbvio, contra o nosso melhor adversário, rival, os Estados Unidos, a gente fazendo 5 a 0, com aquele público absurdo e o jogo sendo televisionado. Pessoas que até então não entendiam o que era futebol feminino, passaram a entender que não era aquele futebol *chato*. Foi um jogo muito interessante, com uma equipe, como eu falei, muito disposta, muito talentosa e bem fisicamente. Acho que todo mundo saiu com uma imagem muito boa daquele Pan, tanto as atletas, a comissão técnica e as pessoas que assistiram.

S.G. – Com certeza. Depois do Pan-Americano você volta pra Áustria?

R.A. – Eu voltei da Áustria e teve o Campeonato Mundial de 2007, realizado na China, onde fomos vice-campeãs.

S.G. – Daí teve os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim: Prata de novo.

R.A. – Prata de novo. Duas vezes na trave nas Olimpíadas. A terceira vez seguida. Mas, também foi um grupo muito talentoso na Olimpíada. Isso fez com que o Brasil chegasse novamente à final. Como em 2004 mudou o conceito, em 2007, o Brasil se consolidou como uma das melhores equipes do mundo e, em 2008, veio a afirmação. Pelo menos, é assim que eu vejo.

Silvana Vilodre Goellner

S.G. – Eu também concordo. Saindo da Áustria, quais foram as equipes que você atuou?

R.A. – Em 2009, eu fui para os Estados Unidos jogar a WPS, que é o campeonato da liga americana de futebol feminino. Eu conquistei o título atuando no *Sky Blue FC*. Depois eu voltei para o Brasil, joguei um pouquinho pelo Saad Esporte Clube, mas foi uma passagem muito rápida. Voltei aos Estados Unidos novamente para jogar a Liga em 2010 e, em 2011, eu fui para o Lyon da França. Foi o melhor time que eu já joguei. Naquela temporada, 2011/2012, o time ganhou tudo, inclusive a *Champions League*, que é o campeonato mais almejado pelas atletas. Depois eu voltei para o Brasil, joguei pelo Centro Olímpico. E, em 2013, eu fui para a Noruega e lá joguei no Avaldsnes IL até 2014. Eu retornei para o Brasil porque estava com muita saudade da família. Fui para o Esporte Clube São José e vencemos a Copa Libertadores em 2014. Mas, antes disso, ainda participei dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, onde a gente caiu para o Japão nas quartas de finais. Além da Libertadores, disputei a Copa do Mundo de Clubes pelo São José e conquistamos o título. A competição aconteceu no Japão e eu fiz um gol na final contra o Arsenal. Isso foi muito importante e a gente nem imaginava ganhar porque eram equipes muito fortes. E ganhamos do Arsenal!

S.G. – Sim, essa é uma conquista muito importante para o futebol brasileiro, ainda que poucas pessoas saibam desse acontecimento histórico. E do São José, você vai para que equipe?

R.A. – Em 2015, eu integrei a Seleção Permanente criada pela CBF. Disputei o Campeonato Mundial, realizado no Canadá, e voltei para Noruega. Daí, em 2016, no início do ano, eu fui para o Paris Saint-Germain. E depois voltei para o São José e, quando isso aconteceu, eu já estava pensando em me aposentar. Já estava com 34 anos. Aí então, aconteceu a fatalidade de eu perder o meu noivo. Eu tinha voltado porque íamos nos casar em dezembro e tinha outros planos para minha vida.

**Silvana Vilodre Goellner**

Acontece que, em outubro, ele teve um infarto fulminante e faleceu. Foi o pior momento da minha vida. Mas, como aconteceu a fatalidade, eu decidi não parar de jogar e fui para os Estados Unidos mais uma vez. Ainda estava muito abalada e resolvi voltar para o Brasil e ficar próxima da família. Recebi o convite para jogar no Audax e foi o único ano em que fiquei fora da seleção. Voltei para a seleção quando a Emily Lima assumiu como treinadora.

S.G. – Gostaria de falar um pouco sobre esse tema: mulheres treinadoras. Como você vê a presença de uma mulher no cargo mais alto da nossa seleção?

R.A. – Eu fico muito feliz, principalmente, porque eu sou muito a favor, não do gênero, da meritocracia. Eu tenho plena certeza que a Emily estuda muito, trabalha muito para estar lá. Então, foi por merecimento, não só por ser mulher. É muito interessante ter profissionais e pessoas que gostam da modalidade de verdade no comando da maior entidade do país no futebol. E eu espero que muitas consigam seguir, se preparem, assim como a Emily vem se preparando. Porque não adianta ser só ex-atleta. Tem que se preparar. É muito gratificante saber que hoje existe uma possibilidade de que as ex-atletas se preparem e possam ocupar posições melhores. É muito importante que tenham mulheres bem preparadas no futebol feminino, pois acredito que não nos darão espaço no futebol masculino tão cedo. Pode ser que num futuro distante isso possa vir a acontecer, já que o futebol é resultado. São empresas que investem e se por acaso uma mulher tiver mostrando um ótimo desempenho, acho possível galgar um lugar no futebol masculino. Mas, sabemos que a dificuldade é muito maior. A mulher tem que provar dez mil vezes que pode fazer aquele trabalho da forma que eles querem. Mas, acredito que algumas irão se destacar nisso.

S.G. – Você pensa em ser treinadora um dia?

**Silvana Vilodre Goellner**

R.A. – Penso. Venho me preparando para isso. Claro, as circunstâncias da vida podem mudar, mas, assim, já estou estudando, me preparando. Só que hoje o meu foco ainda é jogar. Eu não posso botar a carroça na frente dos bois. Mas, quando eu parar, tenho certeza que já vou estar muito bem preparada para ser uma auxiliar, uma treinadora de um time competitivo. Eu gosto muito do alto nível. Gosto da base também, mas eu espero estar preparada para poder ajudar essa nova geração que vem aí.

S.G. – Rosana, sua carreira está repleta de títulos. Você tem conquistas importantes para o esporte nacional. O que você diria para uma menina que tem oito, nove, dez anos e que quer jogar futebol? O que você diria para essa nova geração?

R.A. – Eu uso uma frase que diz o seguinte: “O sonho é o oxigênio do ser humano”. Então, eu acho que o primeiro passo é sonhar e o segundo é traçar metas. O terceiro é perseverar. Eu falo isso porque foi o que eu fiz e deu certo. Eu sonhei, eu criei metas, eu perseverei, mas tudo isso com muita determinação e respeito. A gente vem nessa vida para ser feliz, mas a gente tem que estar preparada para sofrer e não desistir. Duas palavras chaves para mim, três na verdade: sonhar, metas e perseverar. É essa a mensagem que eu deixo para a geração que está por vir.

S.G. – Se você pudesse eleger os momentos mais importantes da tua carreira no futebol, quais você destacaria?

R.A. – Eu tive muitos momentos importantes, mas citaria a primeira convocação para a seleção. Citaria também 2004, que foi a mudança de conceito do futebol feminino. 2007 e 2008, tanto no clube como na seleção com grandes conquistas. Pela seleção foi a consistência do futebol feminino. Citaria também a disputa e o título da *Champions League*. Agora também menciono, porque percebo que é um bom

**Silvana Vilodre Goellner**

momento na minha carreira. Pela experiência adquirida, eu consigo transmitir coisas para as mais novas. Hoje sou uma atleta com mais informações também em aspectos fora do campo, então, meu repertório mudou em alguns sentidos. Eu não consigo te falar um momento só, porque todos acabam agregando em uma etapa da vida de formas diferentes. Às vezes no futebol, às vezes na forma de pensar, às vezes na forma de agir. Então, acho que esses momentos foram cruciais para mim. Cada um agregou de uma forma diferente.

S.G. – Para finalizar nossa entrevista, tem alguma coisa que eu não te perguntei e que você gostaria de falar?

R.A. – Não, acho que não. Acho que é isso.

S.G. – Olha, queria te dizer que eu considero você um ícone do esporte nacional. É uma honra eu poder realizar essa entrevista.

R.A. – Muito obrigada, Silvana. Se eu não me engano, eu sou uma das poucas jogadoras no mundo a ter o título da Liga Americana e da *Champions League*. Acho que sou, muito provavelmente, uma das atletas brasileiras com mais diversidade de títulos na carreira.

S.G. – É! Você tem medalha de prata em Jogos Olímpicos, segundo lugar em Copa do Mundo, título mundial interclubes, Copa Libertadores, Campeonatos brasileiros, campeonatos estaduais... Tenho certeza que muitos atletas homens e mulheres gostariam de ter uma carreira com tantas conquistas. Conquistas, diga-se de passagem, muito significativas no universo do futebol. Enfim, em nome do Centro de



**Silvana Vilodre Goellner**

Memória do Esporte, eu queria te agradecer pela disponibilidade de conversar comigo e conceder essa entrevista.

R.A. – Imagina Silvana, sempre às ordens. Eu que agradeço.

### *REFERÊNCIA*

PATHAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

*Artigo recebido em 20/08/2018*

*Artigo aceito em 11/11/2018*